

# O lugar do teatro na escola – uma breve incursão

## The place of theater in school – a brief incursion

*Liliane Ferreira Mundim<sup>1</sup>*

*Rebeca Queiroz<sup>2</sup>*

*Laura Menezes<sup>3</sup>*

*Nei Rafael<sup>4</sup>*

*Arthur Brandão<sup>5</sup>*

## Resumo

O estudo parte de levantamento de dados sobre três instituições educacionais privadas do estado do Rio de Janeiro. Depois de identificar as respectivas realidades estruturais, socioculturais e econômicas, o estudo investigou as condições de trabalho do professor e a demanda da escola em relação ao ensino do teatro, com o objetivo de identificar a função atribuída a esta disciplina no contexto escolar. Como fonte, foram utilizados os respectivos sites e materiais de divulgação, assim como depoimentos de professores inseridos em cada um desses contextos. As escolas são identificadas por nomes fictícios, tanto para que o foco da análise seja o projeto, a gestão e a prática pedagógica, quanto para preservar as relações de trabalho.

**Palavras-chave:** Educação básica; projeto pedagógico; ensino de teatro

## Abstract

This study is based on the analysis of three private schools located in the state of Rio de Janeiro. After identifying structural, social and economic realities of these educational institutions, this paper aims to promote a reflection on the role of teaching theatre in each one of them. All sources for research and reference were based on websites, publicity material and reports of teachers inserted in these contexts. Schools are identified by fictitious names, so that the focus of the analysis is on the project, management and pedagogical practice. Teacher's names were omitted to preserve working relationships.

**Keywords:** Elementary education; pedagogical project; theatre subject

E-ISSN: 2358.6958

---

<sup>1</sup> Profa. Dra. Departamento de Ensino de Teatro - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). [lilimundim2004@yahoo.com.br](mailto:lilimundim2004@yahoo.com.br)  
[liliane.mundim@gmail.com](mailto:liliane.mundim@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas – PPGEA - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - [rebeca.qvc@gmail.com](mailto:rebeca.qvc@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas – PPGEA - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - [lausmenezes@gmail.com](mailto:lausmenezes@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas – PPGEA - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - [neirafael@hotmail.com](mailto:neirafael@hotmail.com)

<sup>5</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas – PPGEA - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - [arthurdsbrandao@gmail.com](mailto:arthurdsbrandao@gmail.com)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – que determina uma base comum para os currículos escolares com preservação das particularidades locais – regulamentou o ensino de artes, valorizando especialmente as “características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela” e estabelecendo que ele “constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (redação dada pela Lei nº 12.287, de 2010). A área de Arte, assim constituída, abarca linguagens artísticas como as Artes Visuais, a Música, o Teatro e a Dança.

A lei associa arte e cultura, escola e sociedade, de modo a garantir e estimular que seja incluída, no ambiente escolar, a prática cultural que conecta o indivíduo a seu meio, como vínculo de pertencimento, enraizamento e ancestralidade. No âmbito dos estudos da pedagogia teatral, a função do teatro na escola vem sendo desenvolvida como prática social de humanização (Icle, 2009), orientada para a missão de atuar junto ao indivíduo de modo a habilitá-lo à cidadania, à escuta, à reflexão, ao diálogo e à colaboração (Icle, 2011; Koudela e Santana, 2005), que se tornam objetivos prioritários em relação às habilidades para o desempenho artístico. Na educação infantil como no ensino fundamental, a função da ludicidade na pedagogia teatral (Reverbel, 1996) levou ao desenvolvimento de metodologias baseadas em jogos coletivos e improvisacionais.

A pesquisa que aqui apresentamos procura compreender como a escola, em virtude de suas especificidades, tem definido a função do teatro. Para isso, selecionamos três escolas de ensino privado. A delimitação de um mesmo universo educacional se deve à necessidade de comparar os semelhantes, para identificar as diferenças. A opção pelas escolas particulares se deu pela independência de suas gestões, que atendem, de um lado, a questões gerenciais e financeiras, e de outro, ao público/cliente a que se destina. Diferentemente das escolas públicas, que são regidas por um centro comum – a Secretaria de Educação do município ou do Estado – que por sua vez segue uma diretriz nacional, as instituições privadas têm autonomia de gestão, funcionamento e concepção pedagógica.

Para melhor compreender a função do ensino de artes cênicas em cada unidade escolar, começaremos investigando as características de estrutura física, de gestão e de orientação pedagógica. Através das visões e percepções dos professores de Artes Cênicas, buscamos realizar uma radiografia de três escolas com o objetivo de discutir a influência socioeconômica, cultural e geográfica que o processo de ensino aprendizagem do teatro sofre em cada uma delas.

Inicialmente, comparamos duas escolas: uma na capital, outra no interior.

	COLÉGIO PREPARO	ESCOLA SABIÁ
CIDADE	VOLTA REDONDA	RIO DE JANEIRO
HORÁRIO	Dois turnos	Dois turnos
SEGMENTOS DE ENSINO	Fundamental e Médio	Fundamental
UNIFORME	Completo	Blusa
ALUNOS	400	594

PROFESSORES	35	50
SALAS	10	11
MENSALIDADE	\$ 1.000	\$ 2.760

O Colégio Preparo se localiza em Volta Redonda, cidade do interior do estado do Rio de Janeiro que, com cerca de 265 mil habitantes, se desenvolveu em torno da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Ele surge no ano 2000 como curso preparatório para o vestibular, sem vínculo com a educação básica, para atender à demanda de formação dos candidatos a ingressar na universidade. Hoje, voltado para a educação formal e atendendo aos segmentos do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio, o colégio mantém a linha de formação preparatória para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

A instituição se estrutura com base em um pilar de valores morais e comportamentais generalistas: “respeito, disciplina e responsabilidade” – princípios que parecem se destinar menos a definir um projeto pedagógico do que a resumir o que a escola espera do seu cliente e o que dele será exigido. O candidato a ingressar no colégio passa por uma entrevista em que, diante de seu responsável, todas as regras lhe são informadas. Além disso, estudante e pais podem acessar o Manual do Aluno, onde os princípios de “respeito, disciplina e responsabilidade” se concretizam em uma lista de obrigações e proibições, delitos e consequências. Por exemplo:

- É proibido o uso de celular em qualquer dependência da escola;
- O aluno somente poderá entrar na escola se estiver trajando uniforme completo;
- O aluno que receber três notificações por desobediência terá seus responsáveis chamados pela escola.

No prédio, localizado no centro da cidade, entre as salas de aula climatizadas, a sala de artes plásticas e as quadras esportivas, não há espaço próprio para a matéria de teatro, que tem lugar em uma sala de aula comum em que os alunos afastam as cadeiras para criar espaço cênico. Cada turma tem apenas uma disciplina de arte: do 5º ao 8º, Artes Plásticas; no 9º ano, Teatro; no ensino médio, História da Arte.

Não há na escola, um encontro de planejamento envolvendo todo o corpo docente. Cada professor elabora seu planejamento anual de acordo com o calendário elaborado pela coordenação, que atende cada professor particularmente, para alinhar suas atividades à proposta da escola. O Colégio Preparo não promove encontros dos familiares com os professores: qualquer questão deverá ser mediada pela coordenação. Desta forma, esse contato fica restrito apenas aos eventos proporcionados pela escola. Os eventos escolares sempre apresentam trabalhos e atividades desenvolvidos pelos alunos.

No site da escola, não há menção a um projeto pedagógico. Afirma-se que os professores são “altamente capacitados” e que a escola tem “uma proposta pedagógica sólida e amplamente testada”. Na aba identificada por “institucional”, há uma “palavra do diretor” em que se diz que “uma instituição precisa de regras e normas orientadoras do seu funcionamento e da boa convivência entre os diferentes ele-

mentos que nela atuam”. Depois de afirmar que “a ação disciplinada se concretiza em trabalho”, o diretor sem nome termina assim: “Tanto o trabalho do professor, que é o ensino, como o do aluno, que é a aprendizagem, só são possíveis quando há uma ação que seja, em alguma medida, metódica e regrada. Portanto, disciplinada”.

Já a Escola Sabiá, situada na capital, em bairro com ampla oferta de serviços de cultura e lazer, foi inaugurada há 70 anos como escola de música; depois se transformou em centro de artes e mais tarde passou a oferecer educação infantil, até que, na década de 60, aderiu ao ensino formal, que foi implantado gradativamente. Até hoje a escola é reconhecida pela atenção que dedica à educação artística.

Entre as três unidades pelas quais se distribuem os segmentos da educação básica, a casa que abriga o Ensino Fundamental dispõe de uma biblioteca, duas quadras esportivas, laboratório com cerca de 30 computadores, salas especiais para as diferentes necessidades das aulas de Artes Plásticas, Música, Dança, Teatro e Coral, uma delas com piano e iluminação cênica. Todas as salas da unidade possuem computador, projetor, caixas de som e ar condicionado. No pátio, mesas de pingue-pongue, totó e outros equipamentos lúdicos.

Segundo o texto exibido no site da escola, sua metodologia educacional se baseia “no referencial construtivista sociointeracionista e entrelaça outras correntes, fazendo presentes as dimensões atitudinal, procedimental e conceitual no processo de ensino-aprendizagem”. A página referente à proposta pedagógica, com cerca de 14 laudas, começa apontando a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Declaração dos Direitos das Crianças como fontes de referência ética, alicerçada principalmente sobre a democracia, a solidariedade e a fraternidade. A escola declara também estar direcionada para a “busca da participação, da livre expressão e do respeito mútuo; a necessidade da escuta cuidadosa e amorosa das diferentes inquietações, necessidades, anseios e sonhos de cada pessoa, grupo, povo ou nação” e termina afirmando que “a paz política, social e econômica é o único ambiente propício para o desenvolvimento humano”.

Em relação ao Colégio Preparo, que se define com adjetivos vagos e caracteriza sua pedagogia por aquilo que exige do aluno, a Escola Sabiá exhibe conhecimentos sobre as mais atuais teorias acadêmicas sobre a educação, assim como faz uma declaração de princípios humanistas e mostra estar mais preocupada com a qualidade das relações humanas do que com o enquadramento a parâmetros disciplinares. Um paralelo comparativo entre a substantivação dos termos dos dois documentos evidencia a imensa distância entre os princípios pedagógicos das duas instituições:

COLÉGIO PREPARO	ESCOLA SABIÁ
Respeito	Respeito mútuo, solidariedade, fraternidade
Disciplina	Participação
Responsabilidade	Expressão
Capacitação	Inquietação
Solidez	Sonhos
Regras	Liberdade
Trabalho	Desenvolvimento humano
Método	Cuidado, amorosidade

Na Sabiá, a postura do estudante, na relação com o outro e na dedicação aos estudos, é tão valorizada quanto seu desempenho de conteúdo nas disciplinas: o respeito, o cuidado e a escuta devem ser observados pela avaliação. A escola opta pela “Pedagogia de Projetos”, propondo uma abordagem transdisciplinar, a partir de um currículo estruturado por temas que são escolhidos a cada trimestre, relacionados a um macro tema anual. Todas as disciplinas precisam relacionar os seus planejamentos com os temas escolhidos. No entanto, do ponto de vista do professor de teatro da escola, esse sistema metodológico, que tem como justificativa a produção de interdisciplinaridade e de uma unidade por sobre as diferenças, acaba se tornando artificial para a pedagogia artística, na medida em que engessa o conteúdo dos cursos e implica na subtração do principal elemento da atividade – a liberdade – limitando a experiência e restringindo o devir do grupo.

### **A noção de produto e a regulação do tempo**

Em Volta Redonda, são raros os jovens que têm alguma referência sobre a linguagem teatro. Com uma produção teatral pouco articulada e sem investimento no processo de formação de público, raros são os espetáculos da cidade que vêm se apresentar na cidade. É possível então afirmar que a maioria dos gestores de instituições de ensino, assim como as próprias famílias, desconhece a função da arte, associando o teatro ao entretenimento fornecido pelos canais de televisão e ao didatismo das liturgias. O Colégio Preparo entende que os alunos do nono ano, única série que tem aulas de teatro, devem participar dos eventos escolares, com apresentações de esquetes relacionadas com a temática do evento proposto, e que esta preparação deve ocorrer, obviamente, nas aulas de teatro, sob a orientação do professor.

Como fechamento do ano escolar, as turmas que cursam Teatro devem fazer uma montagem que – com produção dos alunos – será apresentada em uma sala de espetáculos da cidade, com divulgação da escola, funcionando, dessa forma, como uma vitrine de suas atividades para toda a sociedade local. Pode-se considerar que esta é a principal – e, do ponto de vista institucional, talvez única – função das aulas de teatro nesta escola. Se, nos oito anos abarcados pelo Ensino Fundamental 2 e pelo Ensino Médio, o teatro é oferecido apenas por um ano e nesse ano o processo deve conduzir a um espetáculo-evento, os fundamentos pedagógico e artístico da

linguagem não chegam a ser aplicados. O foco da disciplina não está nem no desenvolvimento do indivíduo, de modo a constituir uma prática pedagógica, nem em sua relação criativa com o meio, de modo a constituir uma prática artística. Sendo apresentado como chamariz institucional, o produto final deve ser, no mínimo, eficiente – divertir e emocionar o espectador, apresentar em cena alunos desinibidos, eloquentes, ágeis, carismáticos, enfim, todos os atributos que quaisquer pais almejavam para seus filhos.

Observa-se que o ensino do Teatro se molda a uma estrutura pedagógica concebida para tratar de todos os processos de ensino-aprendizagem de maneira generalista e que se consolida antes mesmo da instituição adotar as artes como disciplina. Enquadrado ao procedimento geral e ligado a uma concepção pragmática da educação, a instituição busca, no ensino do teatro, uma aplicação visível e facilmente definível para toda a comunidade escolar – como se essa disciplina, diferentemente das outras, precisasse justificar a sua inserção e comprovar a sua funcionalidade, apresentando resultados palpáveis, como a audibilidade da voz, a redução da timidez e a comunicabilidade do aluno. Ao mesmo tempo, no contexto dos municípios do interior do estado, a simples presença da disciplina de teatro no currículo de uma escola particular se destaca como singularidade.

O teatro como vitrine de bom desempenho condiz com a proposta pedagógica que ressalta o bom comportamento individual como condição para o principal objetivo: a assimilação de conteúdo. Como um imóvel construído com materiais baratos e inadequados, instituições particulares de ensino, no livre mercado, podem se utilizar de velhas teorias e ignorar as pesquisas na área de educação. Sofrendo ela própria de falta de conhecimento, persiste na adoção de arcaicos métodos de avaliação que priorizam a absorção, a memorização e a repetição de informações. Pode-se supor que o projeto pedagógico desse tipo de instituição atende as expectativas do público a que se destina e que consiste em obter no ENEM uma pontuação suficiente para conseguir vaga na universidade e, assim, ter a chance de conseguir um bom emprego no futuro.

Na Escola Sabiá, os alunos não optam por uma linguagem: todos têm aulas de Teatro, Dança, Música e Artes Plásticas ao longo da semana. Embora se busque superar o conceito de aprendizagem como mera aquisição de conteúdo, as disciplinas artísticas ainda estão muito relacionadas às apresentações de suas linguagens – não como um processo natural de culminância, mas como meta a ser atingida. Os procedimentos e dinâmicas de sala de aula são diretamente afetados por essa expectativa, principalmente no caso do teatro, já que o lugar da prática artística como experimento e como processo criativo cede rapidamente lugar à prática de montagem direcionada pela urgência e pela expectativa do produto final. A gestão pedagógica da escola desconhece, como no Colégio Preparo, as pesquisas em pedagogia teatral e, por isso, não consideram necessário que as crianças participem da escolha e da criação da dramaturgia e das cenas e espetáculos – pelo contrário, delegam ao professor a tarefa, como garantia de que o produto ficará pronto na data prevista e, principalmente, garantia de resultado satisfatório. Portanto, como no Colégio Preparo, a Escola Sabiá entende a arte como desempenho. Também ali a apresentação do final do ano é feita em um teatro alugado, com passagem de som e luz, para público

convidado de familiares e amigos. O espetáculo serve como divulgação da escola e deve corresponder aos atributos anunciados de “excelência artística”, “visão crítica” e “autenticidade”.

O professor de teatro da Escola Sabiá observa que as crianças apreciam as aulas: gostam de improvisar, jogar, experimentar, criar cenas e também decorar texto e ensaiar. Mas a maioria tem dificuldade em ouvir. Elas não se mostram dispostas a ver e apreciar o trabalho do colega, mas estão sempre dispostas a serem vistas e ouvidas. Revelam pouca solidariedade e muita dificuldade de aceitar que a ideia de outro colega, e não a sua, seja escolhida. Ainda segundo o professor, sua principal e constante batalha consiste em sensibilizar as turmas para essas questões.

Como no Colégio Preparo, aqui os professores têm reduzido contato com as famílias. Como atendem muitas turmas, precisam se dividir entre as reuniões e conselhos de classe, e sempre estão com demandas e questões urgentes para resolver. Cada aula tem a duração de 50 minutos para as 17 turmas do Ensino Fundamental, com 25 a 30 alunos por turma. Do professor, a instituição não espera apenas aulas: ele deve elaborar um planejamento novo para cada série a partir do tema anual; produzir um informe mensal e um relatório anual sobre cada turma, com fotos e descrição das atividades realizadas para divulgação no site da escola; preencher boletins (semestral para o Fundamental I e trimestral para o Fundamental II) com os conceitos referentes aos objetivos de aprendizagem de cada um dos 360 alunos. Cabe também ao professor, em parceria com os outros professores da equipe de Artes, escrever o texto dos espetáculos que se apresentam na Mostra de Artes e na festa de encerramento. Importante destacar que essas funções não são remuneradas, já que os professores de Artes não recebem por produção de material. E o tempo semanal de planejamento coletivo não dá conta, nem de longe, de todas essas demandas.

Há, como visto, diversas diferenças entre as duas escolas observadas. Aquela que está no interior sofre da falta de referência cultural em uma cidade que, construída como mão de obra da indústria, teve sua população formada a partir de desgarrados sociais, grande parte deles vindos de Minas Gerais, para buscar vagas de emprego na CSN. Volta Redonda, que sofre também de falta de investimentos na área das artes, não possui nem raízes culturais ancestrais nem circulação de obras contemporâneas. Em situação diversa, a escola da capital está rodeada de espaços teatrais de diferentes perfis em uma cidade cuja oferta de entretenimento artístico passa duzentas obras aos fins de semana (entre música, teatro, dança e artes plásticas). O Colégio Preparo nasce como instituição formadora de mão de obra; a Escola Sabiá nasce como instituição artística. E, curiosamente, em ambas as instituições, a montagem se sobrepõe ao processo pedagógico.

A busca de compreensão do contexto que conduz à valorização do produto teatral em detrimento do processo pedagógico pode encontrar respaldo em análises sociológicas, como “A sociedade do espetáculo”, de Guy Debord (1967), que apontam como chegamos a essa cultura em que parecer é mais importante do que ser. Há também a análise que observa, nas instituições de ensino, a contaminação pela valorização da eficiência e pelo pragmatismo que cercam as sociedades capitalistas. Na junção entre as duas vertentes de pensamento, aparece a percepção de que



substituímos a autenticidade pela plasticidade (BALL, 2010), que, como princípio da avaliação dos resultados, enxerga mais o colorido das tabelas do que a vida – levando ao surgimento da “poética da fabricação”:

Os interesses de uma boa escolarização e de um bom cuidado parental tornam-se antitéticos em vista das demandas da performatividade. E a maneira pela qual a performatividade pode facilmente se tornar totalmente divorciada do sentido da prestação do serviço é dramaticamente demonstrada por uma companhia ferroviária britânica que, em diversas ocasiões, passa sem parar por estações em que deveria parar, para assegurar que seus trens cheguem ao seu destino na hora marcada. Ou podemos também mencionar o impacto da publicação dos índices de mortalidade de cada cirurgião nos Estados Unidos, que tem levado muitos médicos a recusar operar casos considerados difíceis ou de alto risco (Ball, 2010, p.47).

Quando se entra no trajeto da apresentação final, não há mais espaço para a improvisação nem para os jogos. O experimento vira ensaio (*répétition*), a palavra se torna texto, o corpo se torna marca. Comprometido com a agenda escolar, o professor gerencia o tempo calculando a garantia de eficiência. A função pedagógica do teatro, assim como a função artística, está sendo sacrificada pelo efeito plástico, pela estética que visa transmitir harmonia, força e êxito. O professor consciente pode desenvolver, segundo Ball, um tipo de esquizofrenia pela “potencial cisão entre o julgamento do próprio professor sobre, de um lado, o que significa uma boa prática e as necessidades dos estudantes e, de outro, o rigor da performance” (BALL, 2010, p.42).

Vamos prosseguir, inserindo a terceira escola, que também está situada na região de maior oferta de arte e cultura da capital, mas que, comparativamente à escola vizinha, não surgiu como instituição de arte, mas como empreendimento, e que atende mais do que o dobro de alunos da outra. Apesar de a diferença entre as mensalidades parecer grande – 60% – ela se reduz quando levamos em conta a carga horária.

	ESCOLA SABIÁ	DEGRAUENSINO
HORARIO	Dois turnos de 5 horas	Integral de 8,5 horas
UNIFORME	Somente a blusa	Completo obrigatório
ALUNOS	594	1300
PROFESSORES	50	130
SALAS	11	80
MENSALIDADE	\$ 2.760	\$ 4.500

Fundada em 2017, a Degrau Ensino é administrada por um grupo de investimentos que possui diversas outras instituições de ensino. Bilíngue e de horário integral, ela está situada em uma região bastante movimentada, no centro de um dos bairros mais tradicionais da zona sul do Rio de Janeiro. Além de representar o coração cultural da cidade com seus cinemas e teatros, o bairro também é conhecido como o polo da boemia e da boa gastronomia com seus muitos restaurantes, bares e casas noturnas. O casarão neoclássico de 12 mil metros quadrados foi recuperado em uma reforma que durou seis anos e consumiu quase 70 milhões de reais: pintura nova,

inúmeras janelas e luminárias, ventilação permanente, pisos de madeira, banheiros equipados, bebedouros novos e modernos, ar condicionado central e um pé direito que chega a sete metros. Na área externa, pátios com brinquedos de madeira, quadras poliesportivas, jardins com arbustos, árvores e flores.

Em frente ao prédio da escola, há uma praça ocupada por usuários de crack. Todos os dias às 7:45h da manhã crianças em uniformes limpos e passados começam a sair de dentro dos carros guiados por motoristas particulares. Alguns pais, algumas mães, muitas babás. A escola Degrau investe em um forte sistema de segurança: corredores e pátios com câmeras, guaritas nas entradas, vigias 24 horas, uniforme obrigatório para todos os alunos, apresentação de crachá ou identificação de funcionário para passar pela portaria. Há uma equipe de apoio para atender os alunos fora da sala de aula. Ninguém fica só. A escola faz uso de uma agenda virtual que pais e equipe pedagógica possuem como aplicativo no celular para manterem comunicação constante. Os professores de artes, incluindo teatro, também possuem esta ferramenta e autonomia para entrar em contato com os responsáveis dos seus alunos.

O programa de bolsas contempla 20% dos alunos e as bolsas variam de 20% a 100% do valor da mensalidade, estando incluídos o transporte de ida e volta da escola, alimentação, passeios, uniformes e o material escolar. Apesar das bolsas de estudo e das seleções rigorosas que levam em conta principalmente os critérios raciais e a condição social das famílias, o perfil do aluno da Escola Z é claramente desenhado, ficando evidentes a cor e o poder aquisitivo da maioria.

A Degrau Ensino também elegeu os princípios que sintetizam e sustentam seu funcionamento. Aqui eles são divididos em três pilares – “Excelência Acadêmica, Inteligência de Vida e Cidadania Global” – e cinco valores – “Bondade, Responsabilidade, Entusiasmo, Excelência e Respeito”. A metodologia da escola se orienta pelo *International Primary Curriculum*, criado pela empresa Fieldwork Education para crianças de 5 a 11 anos e usado, segundo o site da empresa, em 730 escolas de 92 países. Cada turma tem um *Teacher Assistant* que acompanha a turma o tempo todo, inclusive em aulas que são ministradas nas salas dos professores especialistas como *Drama, Music e Visual Arts*. Assim como a Escola Sabiá, a Degrau apresenta no site sua proposta pedagógica, onde também declara ênfase sociointeracionista e afirma que concilia a Base Nacional Comum Curricular com o “internacionalmente reconhecido” programa *International Baccalaureate (IB)*, que ajuda a garantir que os alunos sejam “motivados a criar, inovar, trabalhar em equipe, formular e liderar projetos”.

Como a Escola Sabiá, a Degrau trabalha por projeto, propondo uma transdisciplinaridade baseada em um modelo curricular americano que se estrutura por temas aos quais se associam objetivos específicos de aprendizagem. Tanto na Educação Infantil, quanto no Fundamental I, os professores especialistas (teatro, música, artes visuais e educação física) ministram as aulas em inglês e seguem os temas propostos pelo currículo norte-americano adotado pela escola. Do ponto de vista artístico-pedagógico, o professor de artes encontra um entrave. Se as disciplinas de arte estão atreladas a temas pré-definidos por um currículo que não tem foco na experiência sensível, qual é o papel das disciplinas de arte na escola?

Cada professor precisa cumprir 30 horas/ aula por semana, tendo, em teoria, 10

horas para planejamento. Há um único professor para 13 turmas de 22 a 26 crianças, que deve preencher 325 boletins bimestrais com os conceitos referentes aos objetivos de aprendizagem de acordo com o nível de cada criança. Cabe a ele também a alimentação dos *sites* e a organização de portfólios com fotos das atividades que, junto com os boletins, são entregues aos pais ao final de cada bimestre. O professor ainda se encarrega da organização dos variados eventos como festa junina, dia das crianças e aulas abertas aos pais, além das pequenas performances artísticas que são eventualmente apresentadas nessas datas.

Como as aulas de teatro seguem os temas propostos pelo currículo americano, e acontecem somente uma vez a cada duas semanas, não há tempo para ensaios e, por isso, não são realizadas apresentações teatrais – nem no meio nem no final do ano. Se, por um lado, a falta de apresentações retira do aluno e da turma a finalização de um processo artístico como experiência formadora, por outro lado, a ausência da necessidade de apresentações permite ao plano de aulas do professor de teatro maior dedicação aos aspectos pedagógicos do componente curricular. Objetivos como o autoconhecimento, o experimento com os corpos e a descoberta de suas potências podem ocupar a maior parte do período letivo.

O que ocorre então nessa escola, diferentemente do que identificamos nas outras duas, é que o teatro encontra espaço para exercer função pedagógica e para se constituir como atividade artística. Seria animador poder afirmar que vem da escola e de seus clientes a opção por essas funções do ensino do teatro. No entanto, como vimos, isso não ocorre por determinação do projeto institucional mas, justamente, pela falta dele. Diante da impossibilidade de atender a ambos os objetivos – cumprir a diretriz curricular e construir espetáculos – a escola opta pelo primeiro. E, assim, deixa o professor livre da produção de montagens. Isso possivelmente só ocorre porque a instituição não precisa do teatro – nem como propaganda, como no Colégio Preparo, nem como exibição de desempenho, como na Escola Sabiá. E não é que a clientela escolha o desenvolvimento humano que os professores da área acreditam que a pedagogia do teatro pode proporcionar. É que possivelmente não há valor nem função para o teatro nos planos que as famílias têm para essas crianças. As características desse contexto escolar vêm atribuindo ao teatro uma certa invisibilidade. A professora atribui a essa invisibilidade a liberdade que vem conquistando em sua prática pedagógica, sem ponto de chegada estabelecido, sem produtivismo. A liberdade de que gozam os esquecidos.

## O espetáculo na escola pública

Concluimos, até esse ponto da pesquisa, que o processo de ensaio-montagem-apresentação, nas escolas examinadas, implica em redução ou mesmo supressão da função pedagógica da disciplina de teatro assim como de sua função artística. A exibição do espetáculo ganha, nas escolas particulares, status de divulgação, de prestação de contas, desempenham o papel de atestado de qualidade institucional. O professor é encarregado de deixar os consumidores felizes e garantir suas matrículas no próximo ano.

Mas há então o risco de se associar o processo de criação teatral à função que essas escolas atribuem ao teatro e seu resultado estético. Ou talvez seja melhor perguntar: onde se poderia verificar a ocorrência de um processo de montagem em que se ressaltassem as funções artística e pedagógica do teatro? Fomos visitar uma escola pública que há quatro anos realiza uma mostra de teatro próximo ao final do ano letivo, mas não em caráter de encerramento.

Situada na região central do bairro de Inhaúma, zona norte do Rio de Janeiro, a Escola Municipal Ceará atende a 670 alunos do 7º ao 9º ano em turno integral. Diferentemente do que ocorre na Escola Sabiá, aqui essas apresentações, feitas pelos alunos para toda a comunidade escolar, são, para muitos, a primeira experiência de fruição estética. É nesse primeiro contato que surge sua incursão pela abstração poética proposta pelas linguagens artísticas, com paisagens sonoras que fogem de canções midiáticas, por exemplo, com a poesia em forma de texto dramático e diversos componentes que os produtos artísticos oferecem à apreciação – mas que não estão acessíveis à população como o entretenimento da televisão.

Todas as séries têm aulas de teatro e a maioria das turmas elabora um espetáculo ou cena para participar da mostra, que ocupa o dia inteiro, com quatro sessões e permite, portanto, que a turma se apresente quatro vezes. A preparação para as apresentações, a montagem da mostra, construção de cenários e figurinos, ensaios, alteram a rotina escolar e engajam os estudantes na produção. Segundo um dos professores da escola, a atividade proporciona o “protagonismo juvenil”, uma vez que os alunos se encarregam da criação, da organização e da realização, tanto das cenas quanto do evento em si. Incluindo cenários e figurinos.

Aqui não se trata de contentar a clientela pagante, mas de possibilitar o desenvolvimento da criança, em uma atividade em que ela se exercita em diversas direções e que só ali ela pode experimentar – uma criança que não tem, fora da escola, uma múltipla oferta de espaços para o autoconhecimento e para a criação. Mas, de fato, o que distingue a Escola Ceará daquelas anteriormente observadas não está tanto na metodologia quanto na diversidade dos corpos, cujo capital cultural e simbólico (Bourdier e Paserron, 2014) entra na roda do jogo teatral, assim como sua luta para existir. A escola pública se constitui como espaço de preciosa democratização do conhecimento, espaço de dificuldades e precariedades, em que os resultados reluzem e onde as linguagens artísticas almejam transformações humanas.

A conclusão a que a pesquisa conduz os autores deste artigo é que as conquistas do ensino das artes cênicas, como componente curricular dentro da educação básica, são de extrema importância para a construção de pedagogias emancipatórias. Talvez seja difícil obter lugar para essa função nas escolas em que os indivíduos se sentem confortáveis e não precisam pedir licença para seu desejo. Mas, em última instância, até onde pudemos observar, em todas as escolas as crianças se entregam ao aprendizado e à brincadeira quando a aula de teatro toma conta do tempo.

## Referências

BALL, Stephen J. Performatividades e fabricações na economia educacional: rumo a uma sociedade performativa. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, v.35, n. 2, 2010, p.37-55.

BOUDIEU, P. e PASERRON, J. *A reprodução*. Petrópolis: Vozes, 2014.

ICLE, Gilberto. Da Pedagogia do Ator à Pedagogia Teatral: verdade, urgência, movimento. *O Percevejo*. V.1, n.2, 2009. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/525>. Acesso em: 25 maio 2019.

ICLE, Gilberto. Problemas teatrais na educação escolarizada: existem conteúdos teatrais? *Urdimento*. Florianópolis: UDESC, n. 17, setembro de 2011, p. 71-77. Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102172011070/9529>. Acesso em: 24 maio 2019.

KOUDELA, Ingrid Dormien e SANTANA, Arão Paranaguá de. Abordagens metodológicas do teatro na educação. *Ciências Humanas em Revista*. São Luís, V. 3, n.2, dezembro 2005, p. 145-154.

REVERBEL, Olga, *Jogos teatrais na escola*. São Paulo: Scipione, 1996.

VOLPATO, F. Expressão corporal: a dança e o teatro como estratégias na construção do saber. *Eventos Pedagógicos*, v.6, n.2, jun 2015, p.102-112. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/1836/1424>. Acesso em 24 jul. 2019.

Recebido em: 30/07/2019

Aprovado em: 03/11/2019